

Estação arqueológica do Olival das Fragas

Quinta da Terrincha—Vilarica—Moncorvo

POR

J. R. dos Santos Júnior

Antigo Director do Inst. Antrop. «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

A Quinta da Terrincha, em termo da freguesia da Cardenha, concelho de Moncorvo, é uma grande propriedade, que foi do Conde de Pinhel, e hoje pertence ao grande proprietário Sr. António José Seródio.

O Vale da Vilarica, que vai da Foz do Sabor à Burga, no sopé da Serra de Bornes, tem 25 km de comprimento por cerca de 10 e meio de largura. A seguir aos lodeiros das afamadas *courelas*, seguem-se algumas quintas, dentre as quais avulta a Quinta da Terrincha. Esta grande quinta atravessada pela estrada n.º 102, fica na margem esquerda da Ribeira da Vilarica encostada à parte média da Fragada dos Estevais e da Cardenha, que vai da Portela à Adeganha, numa extensão de 4 a 5 km; propriamente vai do Castro do Baldoeiro (*Civitas Baniensium*) ao Castro da Adeganha. A Fragada separa a Vilarica do Vale do rio Sabor, que lhe corre pelo nascente. Sobranceiro ao extremo norte da Quinta da Terrincha fica o Castro da Senhora do Castelo.

A Vilarica tem fornecido materiais arqueológicos de certo interesse. Referir-nos-emos apenas aos que respeitam à Quinta da Terrincha ou à Quinta do Carrascal que lhe fica pegada e fronteira do lado de lá, margem direita, da Ribeira.

Na Quinta da Terrincha apareceram duas lápides funerárias no *Olival dos Pardieiros* que fica a poente da estrada,

das quais damos desenhos esquemáticos na Fig. 1. Em 1973 vi as lápides que estavam num canto de um armazém onde a luz era insuficiente para tirar fotografias. Limitei-me a fazer um esboço. Quando voltei com o propósito de lhes tirar fotografias informaram que as lápides tinham sido levadas para Sabrosa do Douro.



Fig. 1 — Três lápides da Quinta da Terrincha. As duas da esquerda lápides funerárias, encontradas no Olival dos Pardieiros. A da direita, ilegível, não se sabe onde foi descoberta. Está embutida na parede de um armazém.

Pardieiros é palavra que designa casas em ruínas, pelo que se pode concluir que ali teria existido um remoto núcleo populacional.

Na parede do armazém da Quinta da Terrincha está embutida uma pedra pequena, de uns 40 cm de altura por 25 a 30 de largura, com estranha inscrição, que reproduzo na mesma Fig. 1 e na Est. VIII, Fig. 19. É lícito concluir que aquela pedra deve ter aparecido nas proximidades.

Da estrada sai um caminho que corre em terreno da Quinta da Terrincha, e, depois de atravessar a Ribeira, leva à Quinta do Carrascal.

Ali fui com o colega e velho amigo Doutor Carlos Teixeira, Professor de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, em prospeção geológica no Vale da Vilarça.

Depois de atravessar a Ribeira vi à borda do caminho uma pedra posta ao alto à maneira de banco. Parei o automóvel e fui vê-la. Era uma ara.

Na Quinta do Carrascal, fomos gentilmente recebidos pelo Sr. Francisco Guilherme Miller Guerra, filho do proprietário da quinta.

Dei-lhe conta do achado da ara, com o natural entusiasmo que um achado de tal natureza sempre determina. Pronta e amavelmente me ofereceu, pelo que, mais uma vez, testemunho agradecimento.

O gentil ofertante informou que a lápide fôra encontrada havia pelo menos 15 anos numa sua vinha, da margem direita da Ribeira, no sítio chamado *Barral da Ribeira*. Posteriormente foi colocada na borda do caminho, a servir de banco. Tem 62 cm de altura, por 29 de largura e 22 de espessura. É uma ara consagrada às ninfas com a seguinte legenda:

D.NYM que foi interpretada assim:
 PHIS.V
 POSVI D(iis) ou D(eabus) NYMPHIS V(otum) POSUIT
 T.SIMP S(olvit) L(ibens) (Animo), ou seja, Às deusas
 LICIA
 S.L.(a) *Ninfas, Simplicia erigiu de boa mente esta ara.*

O «foculus» do topo superior tem 6 cm de diâmetro por 6 cm de fundo (1).

É de crer que a ara tenha sido dedicada às Ninfas da fonte n.º 1 da Água de Bem Saúde, que fica umas centenas de metros a montante, e de lá tenha sido arrastada pelas enxurradas das cheias da Ribeira.

A primeira notícia desta singular estação arqueológica do Olival das Fragas, foi-me dada por meu filho J. Norberto dos Santos.

(1) Juntamente com outras, esta ara foi publicada no trabalho *Ex-votos às Ninfas em Portugal*, por J. R. dos Santos Júnior e Coronel Mário Cardoso, in *Homenagem a César Moran Bardon*, separata da revista «Zephyrus», Salamanca, 1953, págs. 53 a 68, e 5 Figs.

Este meu filho e o comum amigo Dr. João Leonardo, Subdelegado de Saúde em Moncorvo, foram ao Olival das Fragas em princípios de Dezembro de 1975.

Trabalhos de plantação de oliveiras e amendoeiras tinham posto a descoberto restos arqueológicos de certo interesse.

Nessa altura apanharam algum material, uma parte do qual vai reproduzido nas fotografias das Figs. 15, 16 e 20.

Quando vi esse material, e nomeadamente a cerâmica, micácia e granosa, nitidamente de tipo castrejo, concluí que devia tratar-se de um remoto povoado, se bem que não lhe pudesse chamar castro, porquanto assenta na base de encosta pedregosa em terreno de pequeno pendor.

Nas férias de Natal, em 21 de Dezembro de 1975, fui ao Olival das Fragas.

Deparei com três fiadas de paredões de certa feição, que fazem lembrar muralhas.

Aqueles paredões, mais ou menos ondulados, estendem-se por entre velhas oliveiras no terreno encostado ao cabeço rochoso que lhe fica sobranceiro. Na primeira porção daquele amontoado rochoso de grandes pedras de granito, o meu filho viu uma sepultura antropomórfica parcialmente destruída (Est. IV, Fig. 11), que depois fotografei. Resta a cabeceira que mostra ter sido feita em pedra solta. Tratar-se-ia pois de sepultura móvel.

PAREDÕES

A primeira vez que fui ao Olival das Fragas, foi, como já disse, numa férias de Natal, em 21 de Dezembro de 1975. Voltei em 5 de Outubro de 1976 e, pela terceira vez, em 26 de Dezembro de 1977. De cada vez ali passei algumas horas.

Logo na primeira visita me impressionaram o número e a extensão de uns paredões que chegam a atingir 2 m de largura, e um deles atinge 2,50 m de altura. Poder-se-lhe-ia chamar muralhetas, dada a pequena altura da maior parte, e a sua largura ser também pequena, em média 1,50 m.

Esquemáticamente podemos considerar 3 linhas de paredões ou muralhetas (Fig. 2).

O primeiro, quem sobe a encosta de pendor suave, tem uma abertura que não parece ter sido portada, pois não se vêem as pedras dispostas em ombreiras, como se vê na porta da segunda linha. Fica-se com a impressão de o paredão ter sido desfeito naquele sítio para dar passagem.

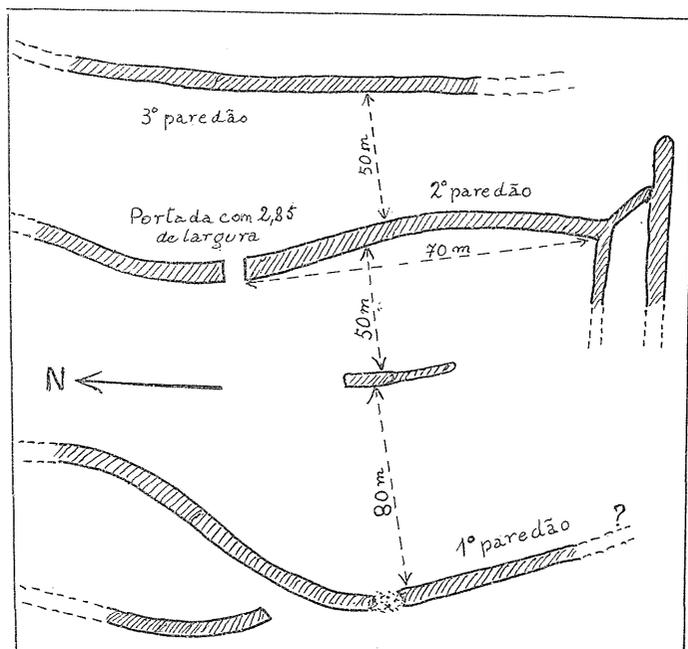


Fig. 2 — Esquema do delineamento dos três paredões do Olival das Fragas (Terrincha).

A seguir àquela abertura rasgada no paredão que fica a uns 40 a 100 m do segundo paredão, o seu alinhamento ondula para norte em S esticado, que, vai aproximar-se da segunda linha a cerca 40 m.

Entre o primeiro e o segundo paredão há uma pequena parede de 10 m de comprimento e pouco alta, que só se pode

explicar ter sido feita para simples arrumo de pedras. Aliás é esta a impressão que se colhe para o conjunto daqueles extensos paredões.

A segunda linha (Est. I, Fig. 5) tem uma portada com 2,85 m de largura. O paredão prolonga-se para sul numa extensão de cerca de 70 m, e termina sobre um pequeno penedo quase ao rés da terra. Esta porção de paredão tem, a meio, a largura de 2 m e altura da face poente de 2,50 m, e apenas 90 cm na face oposta e cimeira.

A seguir ao penedo o paredão continua-se em parede ligeiramente ascendente que, como indica o esquema da Fig. 2, vai entestar com outro paredão de alinhamento sensivelmente leste-oeste.

Como mostra a fotografia da Est. II Fig. 8 o arranjo das pedras dos paredões sai fora dos moldes habituais das muralhas dos castros. Uma das hipóteses a pôr para aqueles paredões, é a de terem sido feitas para suporte das terras como barrancos. No entanto o pendor do terreno é tão pouco acentuado que, parece não ter grande justificação a existência de tão grossos paredões e com ondulações inexplicáveis para o conveniente suporte da terra.

Impõe-se o levantamento topográfico daquele conjunto de paredões e percorrê-los em toda a sua extensão, o que não pude fazer nas três curtas visitas que fiz ao Olival das Fragas, ocupado noutras observações e em colheitas de materiais à superfície do terreno.

ESPÓLIO

Nas visitas de prospecção viram-se algumas peças de granito, nomeadamente pedaços de mós manuais; abundantes fragmentos de cerâmica, pedaços de telhas, umas de rebordo (tégulas) e outras de caleira (imbrices), porções de bordos e de fundos de vasos de vários tamanhos; apenas três peças em metal, uma de ferro com três pontas, uma de bronze, com a ponta dobrada à maneira de anzol, e uma moeda de bronze do

Imperador Licínio I; dois únicos restos de animais, um dente e uma porção de mandíbula achados pelo meu filho aquando da sua primeira visita em companhia do Dr. João Leonardo, Subdelegado de Saúde em Moncorvo.

Peças de pedra

Viram-se uns 9 ou 10 pedaços de mós manuais de granito. Um destes pedaços era precisamente metade da mó com buraco bicónico.

Uma pedra de granito com 66 cm de comprimento por 22 de largura e 30 de altura, que, à falta de melhor, se pode dizer em parapeito ou em peitoril, que tem a forma como que de um traveseiro para descanso da cabeça, embora tal hipótese não seja de se pôr.

Está ornamentada, em cima, por sulco linear mediano, rodeado por dois lombos riscados cada um deles por 13 sulcos (Est. V, Fig. 13).

Num dos topos da face superior ornamentada, há um saliente em orelha ou meia lua, parcialmente mutilado. No outro topo, onde pousa o relógio, dada a natureza da fractura, é de crer que tenha existido um saliente semelhante ao que se vê no outro topo. Peça estranha de difícil interpretação. Na última visita que fiz ao Olival das Fragas já não a encontrei no sítio onde a colocara.

Outra peça de granito, paralelepípedica, com 1,10 m de comprimento, 45 cm de largura e 12 a 15 cm de altura, tem a superfície superior lisa, na maior parte polida, com um sulco linear de 90 cm de comprimento, 5 cm de largura e cerca de 1 cm de fundura (Est. V, Fig. 14). É pedra que também não sabemos interpretar, a não ser como soleira de porta.

Uma terceira pedra, um tanto globolosa, também de granito, tem um buraco circular, com o diâmetro de 12 cm e 6 cm de fundura. Talvez tenha servido de encaixe da couceira, onde giraria uma porta de gonzos (Est. IV, Fig. 12).

Uma outra peça de granito (Est. IV, Fig. 11) a que já atrás me referi, é uma parte, talvez um terço ou um quarto, de uma sepultura antropomórfica, reduzida à parte superior ou cabeceira.

A pedra, que é solta, tem cerca de 1 m de largura por 75 cm de comprimento no eixo do cavado sepulcral e a altura máxima de 47 cm.

O cavado para a cabeça tem 30 cm de largura no topo, com 16 cm nos lados e estreita para o pescoço. Ali alarga 14 cm para a direita e 9 para a esquerda formando as ombreiras, a que se seguem, mutiladas, as curtas paredes laterais do escavado, com 20 cm do lado direito e 21 do lado esquerdo, até à linha de fractura do fundo, que tem 61 cm de largura e apenas 9 a 10 cm de espessura. Do topo do cavado para a cabeça até à linha de fractura do fundo são 50 cm.

A fundura do cavado sepulcral difícil de determinar, por terem sido quebrados os lados ou paredes laterais, poderá computar-se em cerca de 25 cm ou pouco mais.

A pedra estava recoberta de musgo e líquenes, mas do lado da cabeceira vê-se um sulco arqueado, pouco fundo, a rodear o cavado sepulcral, e dele distante 14 a 17 cm.

Como é bem sabido as sepulturas antropomórficas, que têm sido consideradas proto-cristãs, são escavadas em penedos, maiores ou menores, às vezes em grupos, postas lado a lado.

O fragmento que descrevemos é solto, logo deve ter pertencido a sepultura móvel, facto que a torna digna de especial realce.

Há ainda que referir uma pia cavada num penedo de granito, com velha oliveira cravada na fenda do mesmo.

A pia, de forma subtrapezoidal de topos arredondados, é pouco funda, 20 cm no meio, tem de comprimento 96 cm e de largura máxima, a meio, 50 cm, estreitando para 43 cm num dos topos e no outro para 45 cm.

Fica para o extremo-norte daquela jazida arqueológica.

Ainda podemos juntar, como peças de pedra, os dois pesos de rede, um feito num calhau rolado circular e espalmado e o outro em xisto negro (Fig. 3, *a* e *b*).

Apanhei uma pedra negra e densa que vai reproduzida na Fig. 15. Impressionado pela cor negra e pelo peso levei-a ao departamento de Geologia da Faculdade de Ciências do Porto.

O 1.º Assistente Doutor J. Ávila Martins, estudou-a e deu-me dela a seguinte informação: «Rocha equigranular de

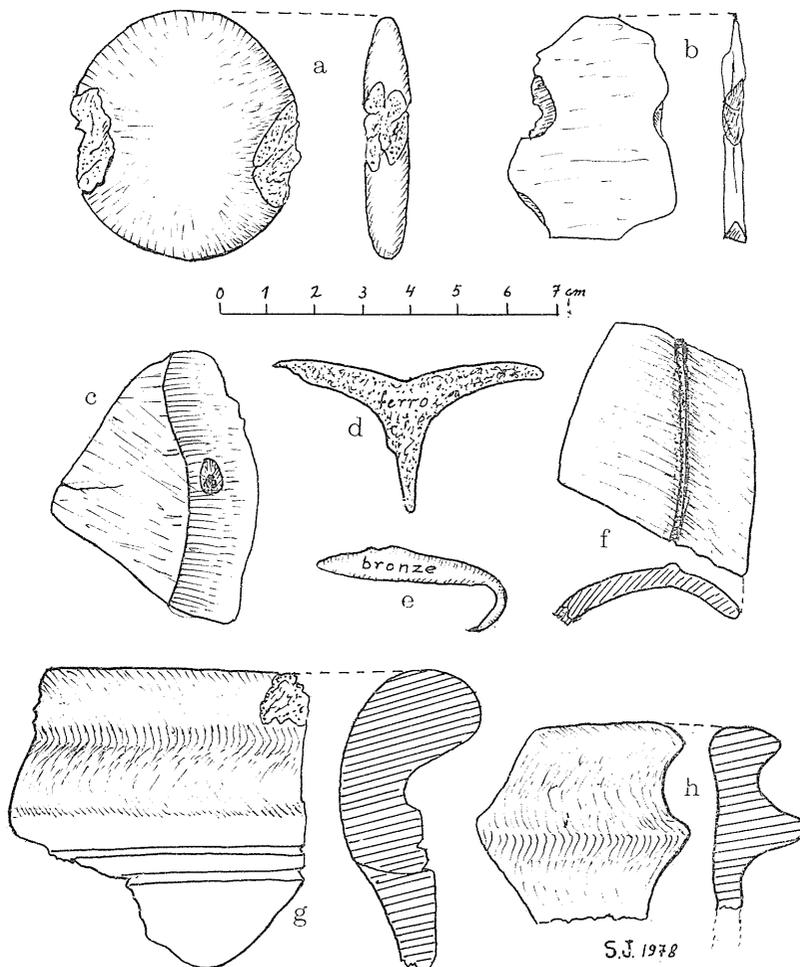


Fig. 3 — Dois pesos de rede, uma peça de ferro e outra de bronze e fragmentos de cerâmica do Olival das Fragas — Quinta da Terrincha.

grão médio, densa, que, *macroscopicamente* se apresenta quase exclusivamente constituída por minerais filotosos (biotite). Ao microscópico, além da biotite, observam-se anfíbolas e piroxenas, em cujo trama se individualizam o quartzo e feldspatos. Como minerais acessórios apatite abundante e alanite esporádica. Enquadra-se no grupo das rochas kersantíticas».

CERÂMICA

Grandes vasos

Encontramos pedaços relativamente grandes; são fragmentos de grandes vasos.

Porção de um bordo de grande vaso (talha?) de cor castanha amarelada com 16 por 10 cm, de pasta bem cozida, granosa, com grãos de areia miúdos. Pelo grau de curvatura daquela porção de bordo, a boca do vaso devia ter pelo menos uns 35 cm de diâmetro. Está ornamentada por um saliente em cordão e por dois sulcos pouco fundos e largura de 4 mm. O perfil da cabeça do bordo tem 3,5 cm de espessura e vai estreitando para 1,5 cm, no bojo, barriga ou pança da talha.

Um pedaço do bojo ou pança de grande vaso, de cor castanha por fora e castanho-avermelhado pela face interna, tem 15,5 por 10 cm, e espessura de 14 a 16 mm. Está ornamentado por encordoado feito às dedadas na pasta tenra (Est. VII, Fig. 18).

Outro fragmento de bojo de grande vaso de cor castanho-avermelhada clara, com 16,2 por 10,3 cm e a espessura de 1,8 a 2,0 cm está ornamentado por dois singelos sulcos pouco fundos (Est. VII, Fig. 18).

Um grosso pedaço de um fundo, é de pasta escura quase negra, bem cozida, com grãos de areia muito miúdos e pequenas palhetas de mica branca (moscovite). Tem de comprimento 14,5 cm, largura 5,5 e altura 5,7.

A curvatura do que resta da base, numa extensão de 13,5 cm, corresponde a uma ampla base circular de 32 a 35 cm de diâmetro. Ainda conserva pequena porção da face interna do fundo e início da parede do bojo ou pança. A espessura do fundo é de 4,0 cm e a da parede 2,9 cm.

Este pedaço de fundo deve ter pertencido a uma grande vasilha.

Pela natureza da pasta, pela sua boa cozedura, que lhe conferiu um certo grau de rijeza, deve ter pertencido a um grande pote ou talha para líquidos, possivelmente vinho.

Outro pedaço de um fundo, semelhante ao anterior, é de pasta castanha e um tanto grosseira, com numerosos grãos de quartzo e algumas palhetas de mica branca. Tem de comprimento 12,7 cm, de largura 7,5 cm e de altura 3,8 cm. O grau de curvatura do que resta do fundo, numa extensão de 10,5 cm, corresponde a uma base circular de 30 a 31 cm de diâmetro. Ainda conserva pequena porção da face interna do fundo e início da parede do bojo. A espessura do fundo é de 2,5 cm e a da parede do bojo 2,0 cm.

Telhas de rebordo ou tégulas e de caleira ou meia cana

Apanharam-se vários pedaços de tégulas.

Um deles, o maior (Est. VI, Fig. 15) tem 29 cm de comprimento por 18 cm de largura e rebordo com altura de 4,5 cm; é de cor vermelho-acastanhada.

Outro pedaço também de cor vermelho-acastanhada, e de pasta com grãos de areia miúda, tem de comprimento 10,5 cm por 8,5 de largura, e espessura de 2,0 cm. O rebordo é alto de 2,5 cm. A superfície de fractura mostra três faixas, a do meio negra com 1,5 cm de espessura e as duas faixas laterais de cor avermelhada com 4 a 5 mm de espessura.

Uma porção do rebordo marginal de uma tégula é de pasta negra, tão bem cozida e compacta, que, à primeira vista, parece grês. Tem de comprimento 9,3 cm por 4,5 de largura, altura de 4,0 cm e superfície escura com alguns laivos vermelhos.

Abundavam os fragmentos de rebordos de tégulas de diferentes tipos de pastas, quer na cor quer na textura, mas todos bem cozidos e por isso de grande dureza.

Apanharam-se alguns pedaços de telhas de caleira ou em meia cana. Os maiores com 11 a 12 cm de comprimento e espessura de 12 a 16 mm. Todos de tonalidade vermelha, mais ou menos escura, de pasta com bastantes grãos de quartzo e palhetas de mica branca, e de boa cozedura, que é, aliás, o carácter, quase geral, da cerâmica do Olival das Fragas.

Bordos de vasos

Além dos grandes pedaços de bordos de grandes vasos de que dei conta ao iniciar as considerações sobre a cerâmica, apanharam-se cerca de uma trintena de outros bordos de vasos, de diferentes cores, uns avermelhados, outros escuros, enegradados e até negros, com pastas de diferentes texturas e de diferentes graus de cozedura.

Algumas porções de bordos finos com espessuras da ordem dos 4 a 5 mm são, quase sempre, de pastas finas e de bom grau de cozedura.

Na Fig. 4 vão desenhados os perfis de alguns bordos.

Fundos de vasos

Além dos dois grossos fundos de grandes vasos atrás referidos, apanhamos uma pequena porção de fundos, todos relativamente pequenos. O maior com 8,1 cm de comprimento por 6,5 de altura.

Os diâmetros calculados para quatro destes fundos, quando inteiros, foram, respectivamente, de 8,8 — 9,9 — 9,6 e 12,4. Estas medidas correspondem a vasos de tamanho médio, possivelmente panelas de ir ao lume.

Um dos fragmentos de um fundo tem orifício circular no início da parede junto à base, como têm os vasos para flores (Est. VII, Fig. 17).

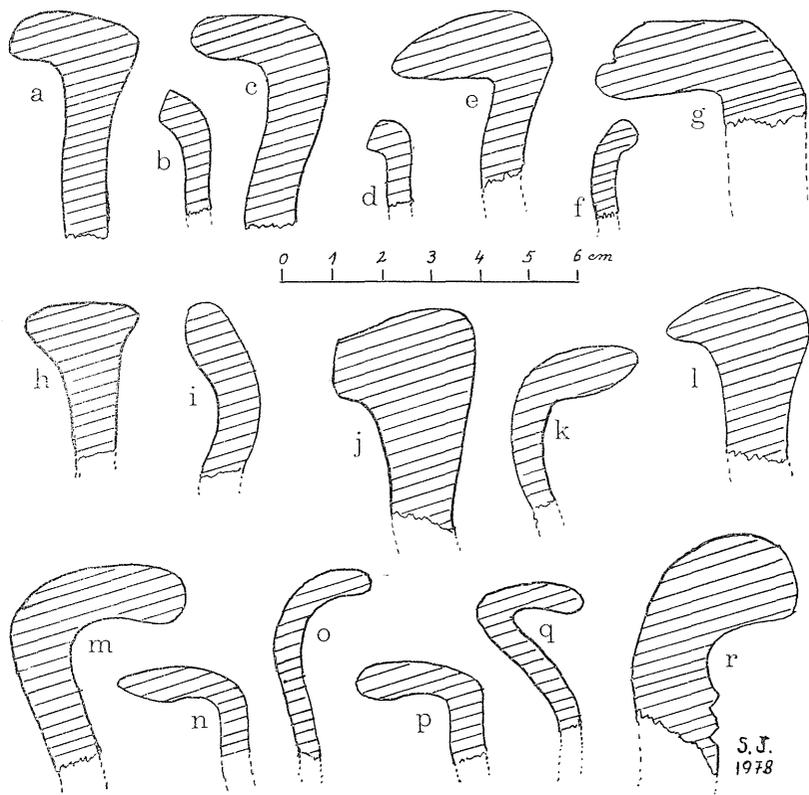


Fig. 4 — Vários tipos de bordos de fragmentos de cerâmica do Olival das Fragas — Terrincha.

Cerâmica sigillata

Encontrei um único fragmento de terra sigillata.

É aproximadamente um terço de pratinho, pouco fundo, de bordos inclinados, de pasta fina vermelha e de superfície brilhante em frescor de verniz. Resta-lhe uma pequenina porção

do fundo, onde, infelizmente, não se lhe distingue qualquer marca. Aquelle fragmento é cerca da terça parte dum pratinho que teria uns 5 a 6 cm de diâmetro.

Segundo o abalisado parecer do Sr. Dr. Jorge Alarcão, distinto Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, este fragmento de terra sigillata «é de procedência sud-gálica e data da 2.^a metade do séc. I d. C.».

Escórias

Apanharam-se alguns bocados de escórias, geralmente pequenos.

O maior é o que se vê na fotografia da Est. VI, Fig. 15.

Restos animais

O meu filho Norberto Santos na visita que fez ao Olival das Fragas em princípios de Dezembro de 1975 apanhou um dente canino e um fragmento de mandíbula.

Embaraçado na justa interpretação daqueles restos animais, decidi submetê-los à apreciação do distinto Professor da Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, Doutor Paulo Marques, ilustre Presidente da Sociedade Portuguesa Veterinária de Anatomia Comparativa, meu prezado amigo, que, em carta de 25 de Maio de 1976, me informou que o canino era de facto de porco. Quanto ao fragmento de mandíbula deu o parecer de que «talvez seja de veado ou de outro ruminante autónomo (uma cabra montesa maior que a actual cabra doméstica, p. ex.)». Sugeria que, se na Faculdade de Ciências do Porto houvesse peças para comparação, poderia resolver-se o problema. Por falta de materiais de comparação o problema mantém-se.

De qualquer modo aquella mandíbula, quer de veado quer de cabra montesa, é um elemento a conferir àquele conjunto arqueológico um certo interesse zoológico e arcaizante.

Se ali se vierem a realizar escavações convenientemente orientadas, é possível que apareçam mais ossos, que permitam esclarecer o problema que fica em suspenso.

Metais

Foram apanhadas à superfície da terra apenas três peças metálicas. Uma de ferro com três pontas como se vê na fotografia da Fig. 17 e no desenho da Fig. 3, não profundamente oxidada, com o peso de 11,83 gramas.

Um pedaço de bronze (ver a mesma Fig. 17) roliço, com a ponta ligeiramente encurvada, um pouco à maneira de anzol, com o peso de 4,18 gramas.

Achei uma moeda de bronze, romana que foi classificada como do Imperador Licínio I, e assim descrita.

Anverso — IMP LIC LICINIUS P F AUG

Cabeça laureada à direita.

Reverso — JOVI CONS-SERVATORI

Júpiter de pé para a esquerda, com a clâmide sobre o ombro esquerdo, com ceptro na mão esquerda, e segurando na mão direita um globo com uma Vitória; à esquerda uma águia segurando no bico uma coroa.

Centro emissor SISCIA (oficina 4): Marca da oficina SIS:

Módulo; 19,5 mm/22,4 mm. Espessura 1,2 mm. Eixo 12.

Peso 1,19 gr.

Cronologia 313-315 d. C. Referência Bibliográfica: P. M. Bruun, *The Roman Imperial Coinage*, vol. VII: Constantine and Licinius, A. D. 313-337, London, 1964, pág. 422, n.º 4.

Agradeço aos colegas Dr. M. Castro Hipólito, da Faculdade de Letras de Coimbra, e ao Dr. Rui Antero, da Faculdade de Letras do Porto, os esclarecimentos gentilmente prestados sobre esta moeda.

Embora não se possa dizer que peças desta cronologia sejam raras no país, o achado tem certo interesse documental.

CONCLUSÕES

A estação arqueológica do Olival das Fragas, em simples colheitas de superfície, forneceu os materiais de que demos sucinta análise, e que permitem concluir que se trata de local onde assentou um povoado remoto.

A natureza da cerâmica, em grande parte de pasta granosa e micácea, lembra a cerâmica castreja. A relativa abundância de pedaços, em geral pequenos, de telhas de rebordo (tégulas), é índice de romanização daquele arcaico povoado, que a moeda de Licínio pode, em parte, confirmar.

Os paredões, que fazem lembrar muralhas, têm um deli-
neamento e tipo de construção no arranjo das pedras de granito, que faz pôr de parte a possibilidade de considerar aqueles paredões como verdadeiras muralhas. Fica pois de pé a hipótese de os considerar como muros de suporte da terra, isto é, como calços ou barrancos. No entanto o pequeno pendor do terreno não parece justificar a construção de tais muros de amparo da terra, e com as espessuras de 1,5 a 2,0 m.

Podia ainda pôr-se a hipótese de aquela pedra ter pertencido a uma muralha que fosse destruída e depois arrumada naqueles paredões. Hipótese pouco defensável dada a falta de pedras com uma face plana e picada.

É outro problema que fica em suspenso.

Por fim há que realçar os achados do dente de porco e o pedaço de mandíbula de veado juvenil ou de cabra montesa, que têm certo interesse zoológico.

Oxalá que um dia ali se possam fazer escavações convenientemente orientadas.

Os achados arqueológicos do Olival das Fragas vêm confirmar que o Vale da Vilarça, dados os vários achados arqueológicos até à data ali conhecidos, foi, desde épocas remotas, centro de núcleos populacionais, atraídos, certamente, pela extraordinária fertilidade dos seus terrenos, dos quais as *courelas* têm justa e reputada fama.

No alinhamento oriental dos montes que limitam o vale da Vilarça pelo nascente contam-se os seguintes castros, todos em termo do concelho de Moncorvo.

Castro do cabeça dos Carneiros, fronteiro à Foz do Sabor; a Alfarela, que me dizem ser um castro mas que ainda não pude visitar, a Vila Velha da Derruída, amuralhado medieval, que, possivelmente, assentou sobre um castro; o Castro do Baldoeiro, na fragada sobranceira à Quinta da Silveira; o Castro da Senhora do Castelo e o Castro da Adeganha.

Mais longe, lá para o fundo do vale, ao chegar ao sopé da serra de Bornes, o Monte Mel dos romanos, que fecha o vale pelo norte, o Castro do Monte de Nossa Senhora dos Anúncios, em termo da freguesia de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé.

Que cronologia se pode atribuir à estação arqueológica do Olival das Fragas?

Pela cerâmica tipicamente castreja, grosseira, granosa e micácea, e pelo fragmento de «terra sigillata», que como vimos, o distinto Professor de Arqueologia da Universidade de Coimbra, datou da 2.^a metade do séc. I d. C., pode atribuir-se-lhe um período de vivência no séc. I d. C. No entanto a moeda de Licínio que imperou de 313 a 315 traz a datação daquela estação pelo menos para o séc. IV d. C.

É de crer que escavações convenientemente orientadas venham a fornecer materiais, quer em qualidade quer em quantidade, que permitam esclarecer problemas que ficam em suspenso.

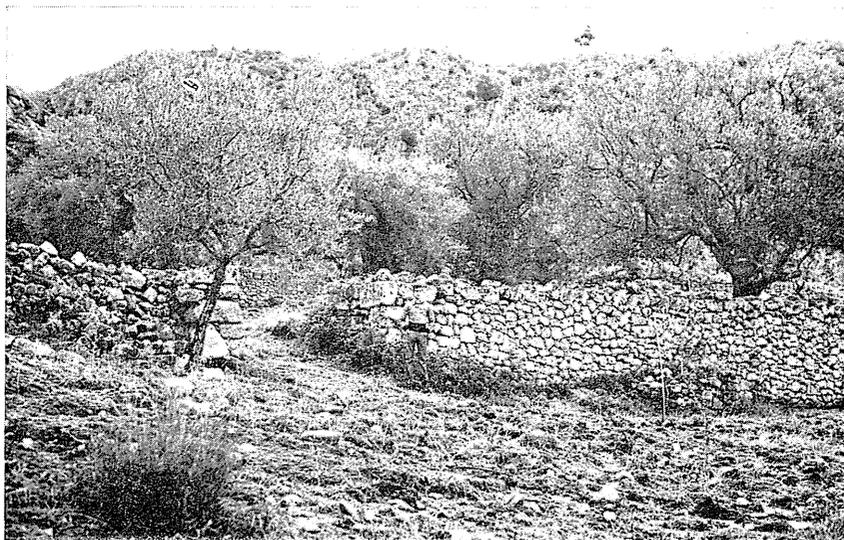


Fig. 5 — Paredão do segundo alinhamento, ou 2.º paredão, com portada de 2,85 m de largura, e de ombreiras feitas por grandes pedras.



Fig. 6 — Troço do paredão da fig. anterior, a sul da portada, numa extensão de uns 70 m.



Fig. 7 — Troço do 2.º paredão para norte da portada.

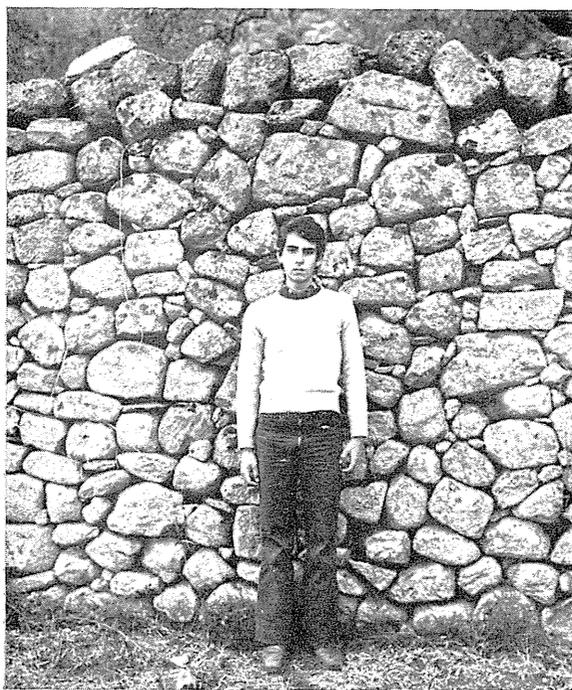


Fig. 8 — Pormenor do arranjo das pedras do 2.º paredão, que sai fora dos moldes das muralhas castrejas.



Fig. 9 — Topo sul do 2.º paredão, à esquerda, a entestar com um troço (à direita) de paredão orientado no alinhamento leste-oeste.



Fig. 10 — Troço do 1.º paredão (à direita) bastante danificado. À esquerda início da sua estreita continuação, em curva de nível.

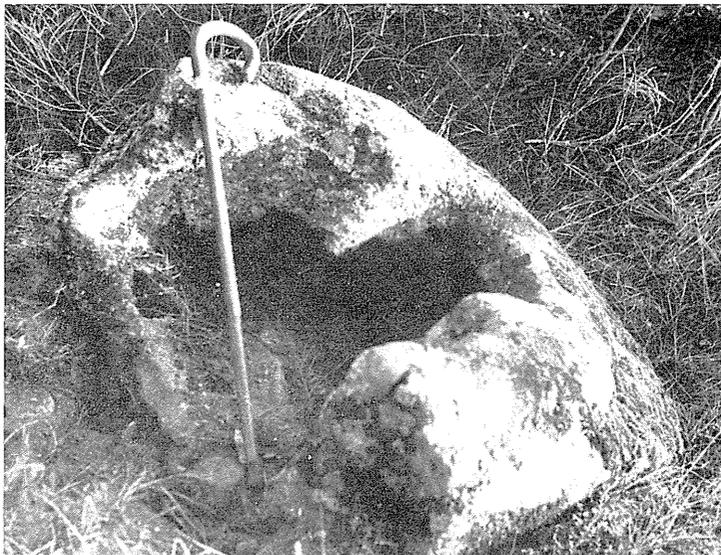


Fig. 11 — Cabeceira de sepultura antropomórfica de granito.
A bengala mede 82 cm.

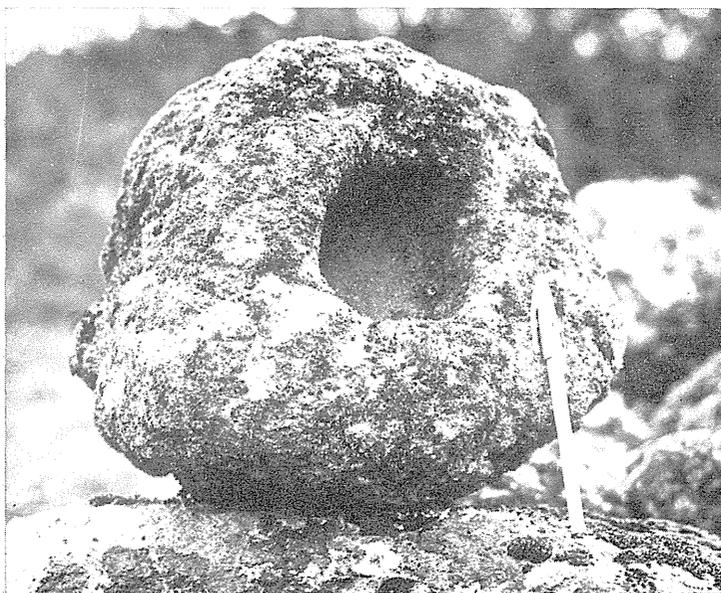


Fig. 12 — Pedra de granito com cova tendo de boca 12 cm de diâmetro e 6 cm de profundidade. A caneta mede 14,5 cm.

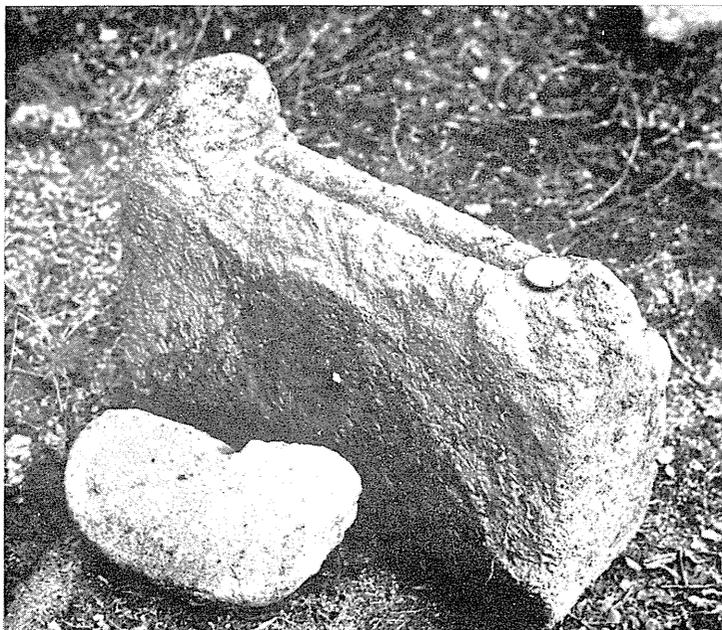


Fig. 13 — Pedra de granito com 66 cm de comprimento por 22 cm de largura, com sulco ao comprido de dois lombos arredondados, e estes riscados por traços arqueados, 13 de cada lado do sulco mediano.



Fig. 14 — Pedra de granito com 1,10 m de comprimento com um sulco de 90 cm de comprimento e 5 cm de largura. A bengala mede 82 cm.



Fig. 15 — Espólio do Olival das Fragas.

No alto em cima do pedaço de tegula o dente de porco e a mandíbula de veado ou cabra montesa. Em baixo, à esquerda pedaço de escória; à direita pedra negra e densa. A lapiseira mede 14 cm.

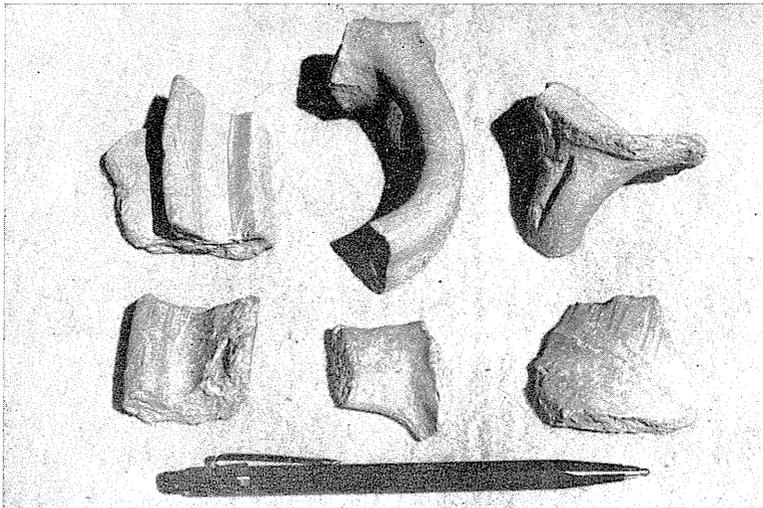


Fig. 16 — Fragmentos de cerâmica do Olival das Fragas.
A lapiseira mede 14 cm.



Fig. 17 — Cerâmica, bronze romano e dois objectos metânicos.
A caneta mede 14,5 cm.



Fig. 18 — Fragmentos de cerâmica.
A caneta mede 14,5 cm.



Fig. 19 — Pedra com inscrição fundamente gravada, que está embutida na parede de um armazém da Terrincha.



Fig. 20 — Bronze romano do Imperador Licínio I; 313-315 d. C.
Ampliado. Módulo: 19,5 mm × 22,4 mm.